

opiniões

entrevista com piers armstrong

Lohanna Machado*

Piers Armstrong é brasilianista e professor de línguas modernas na California State University (LA). É autor de *Third world literary fortunes: Brazilian Culture and its International Reception* (1999) que versa sobre a assimetria entre a recepção anglófona das literaturas da América hispânica e a brasileira, com prejuízo desta.

*

Tenho a impressão de que *Third world literary fortunes: Brazilian Culture and Its International Reception* foi e continua sendo uma obra única em sua temática e aprofundamento mesmo entre a produção crítica brasileira. Você tem conhecimento de outras obras com esse tema e, se não, tinha consciência de estar promovendo uma discussão que, naquele momento, ainda era um tanto negligenciada no Brasil?

Não tenho conhecimento de estudo parecido por *Brazilianist* (estrangeiro) nem por brasileiro. Na época (na primeira parte dos anos '90) as questões de recepção comparativa surgiram por via dos estudos que eu fazia: no caso de Guimarães Rosa, da estranhíssima justaposição da apoteose dentro da academia brasileira e o desconhecimento quase total no estrangeiro; da exclusão do Rosa e de outros grandes escritores brasileiros do chamado *Boom* literário

* Doutoranda em Literatura Brasileira na USP com projeto sobre a internacionalização da literatura brasileira. Mestre em Estudos Literários na UFPR com a dissertação *O pobre-diabo na literatura brasileira*: de José Paulo Paes a Chico Lopes. Bolsista CNPq. E-mail: lohanna.machado@gmail.com

hispano-americano (que incluía figuras geograficamente e tematicamente contrárias como o mexicano Carlos Fuentes e o Borges); do prestígio internacional da criatividade e da fineza estética da música brasileira (principalmente a bossa nova e seus herdeiros na MPB) ao desconhecimento internacional da cultura sertaneja (e até do fato do Brasil possuir desertos). Talvez por eu ser australiano, i.e., "colonial", sempre estive atento às questões de capital cultural e à probabilidade de enormes correntes continuarem invisíveis às narrativas globais normativas. Acho o "desaparecer" a tendência preponderante, não o reconhecimento e a preservação.... e referente à globalização, sou dos pessimistas que temem que o constrangimento da diversidade (pela adoção de modelos dominantes, numa lógica darwiniana) sobrepesa à fertilização pela hibridização.

Porém, havia gente, que na época eu desconhecia, estudando essas questões. Há acima de tudo o extraordinário estudo enciclopédico da Pascale Casanova, *La République Mondiale des Lettres* (1999), que comenta autores brasileiros entre outros latino-americanos (junto com africanos, asiáticos, norte-americanos e europeus). Casanova propõe uma teoria ou estrutura geral e mereceu comparações a grandes teóricos de sistemas culturais internacionais, como o Edward Saïd (*Orientalism*, 1978). O seu propósito, porém, é de explicar o papel do centro do império cultural (Paris, com Londres como único par) e a sua ótica é inversa à minha, que é periférica, como indica o título de *Third World Literary Fortunes*—que apesar de certa ironia enfoca os países em desenvolvimento, não os desenvolvidos.

Lamentavelmente *Third World Literary Fortunes* não foi traduzido para o português, embora não devamos dar muito peso a isso. Publicações de crítica literária, ainda mais traduzidas, são poucas ainda hoje, apoiadas num nicho universitário quase filantrópico. Que se dirá do final dos anos noventa? Mas sei que as dificuldades de acesso, além do atual esgotamento dos volumes disponíveis para venda, não impediram que seu livro fosse lido por alguns nomes interessados aqui no Brasil e fora. Como você avalia a recepção dessa sua obra?

Acho generosa a sua atitude em ver o meu estudo como uma contribuição legítima a uma questão que importa basicamente aos brasileiros e em que eles serão sempre os verdadeiros protagonistas e peritos (pois o conhecimento da cultura doméstica de um lugar se aprende melhor como nativo, que nem como para as línguas). E como você, houve sim muitos outros interessados. Os brasileiros são de um país grande e não sofrem excessivamente de síndromes de ressentimento contra o gringo ou forasteiro. Pude participar com meus pares no Brasil em muitos congressos; ganhei amigos caros. Lecionei em várias faculdades brasileiras e pretendo voltar quando puder para continuar.

opiniões

Hoje o cenário é outro. Com certo exagero, claro, podemos dizer que houve um “boom” da cultura brasileira, impulsionado pelo desenvolvimento econômico, projeção internacional e investimento em soft power, especialmente durante os governos petistas. Que impressões você tem tido desse fenômeno enquanto americano e enquanto acadêmico dedicado ao estudo de línguas e culturas neolatinas?

Não sei se houve *boom* do reconhecimento internacional da cultura brasileira. Houve *boom* econômico, *boom* de consumo, *boom* de produção cultural diversificada, e eclosão de uma classe média muito moderna e cosmopolita (como disse o Caetano Veloso, o Brasil se paulistou). Tudo isso basicamente de ordem doméstica. Lá fora (i.e., cá fora, nos EUA) eu acompanho o declínio geral do estudo de línguas neolatinas e outras que não sejam o inglês ou chinês, o declínio rápido do prestígio da literatura como chave da porta de entrada à cultura alheia, o eclipse da ciência (intelectual, semi-humanista) pela tecnologia (econômica). São tendências seculares, ondas grandes e bem mais volumosas do que as iniciativas de governos bem-intencionados. Além disso, a meu ver, a academia literária brasileira é de modo geral uma força politicamente progressista, mas culturalmente conservadora. Antes, constituía uma elite que olhava para as elites europeias, tanto que, inconscientemente e sem querer, sublinhava a marginalização da literatura e da cultura brasileira. Hoje, é uma elite excêntrica e ameaçada (por não ter força econômica). E eu diria ainda que o desconhecimento internacional quase total das perspicazes propostas cultural-existencialistas do Caetano, apesar do trabalho exemplar dele como embaixador cultural, sugere que o abismo que separa a cultura brasileira original do mundo externo continua. Vá desculpando, sou pessimista!

A seu ver, então, menos do que uma negação das ditas literaturas centrais a darem espaço e visibilidade às literaturas periféricas, estas estariam sendo antes as primeiras a serem atingidas por um movimento de desprestígio da literatura como um todo?

O problema maior (maior do que qualquer fortuna local) é o desafio universal de nós — gente que crê na literatura como companheira comentarista da vida, de uma inteligência ímpar — de conseguir impor esse amor à literatura no sistema educacional. A literatura estava ao centro, mas está vogando para a periferia da educação escolar. Isso é a periferia que devemos temer! E se não se pode impor *Grande sertão: veredas* no currículo, nem *Budapeste* de Chico Buarque, talvez se poderia propor o estudo de Castro Alves, José de Alencar e Jorge Amado, e o estudo da arte das letras de Chico Buarque, Caetano e outros, sem esquecer o Jobim, pois “Águas de março” não é só música porta-

estandarte da MPB, é um poema maravilhoso, imbuído de uma sensibilidade cotidiana e brasileira exemplar (não sei porque os irmãos Campos não o disseram). Tudo isso para chegar, paulatinamente, ao Machado de Assis e assim juntar o século XIX ao século XXI.

Professor Piers Armstrong, nós da *Opiniões* agradecemos grandemente a generosidade dessa entrevista e, para encerrá-la, gostaria que pudesse falar um pouco sobre suas pesquisas e interesses mais recentes na cultura e literatura brasileiras.

Fiquei radicado na Bahia por uns anos no fim dos '90 e começo dos '00. Desenvolvi uma pesquisa sobre a cultura carnavalesca e sobre a disseminação particular da cultura soteropolitana na Europa, articulada em vários artigos em revistas de língua inglesa. Desenvolvi uma teoria sobre a recepção cultural, publicada no livro, *Cultura Popular na Bahia & Estilística Cultural Pragmática* (Universidade Estadual de Feira de Santana, 2002), cujo título engana, pois o tema principal é a estilística cultural pragmática geral; comenta a cultura popular baiana apenas como exemplo. Depois da volta aos EUA, além de continuar nessas linhas e no estudo da tradução, tenho escrito também sobre o cinema brasileiro (*Pixote, Cidade de deus, Carandiru, Amarelo manga, Baixio das Bestas, Tropa de elite*) como expressão de uma veia cultural mais confiante, vulgar, materialista e democrática.